

Sobre muros e frestas

Luciana Nunes de Nunes

Iniciamos o ano de 2023 com a aula inaugural intitulada “Freud e a clínica psicanalítica contemporânea”, proferida pela psicanalista Miriam Debieux Rosa, em um movimento de abertura a uma psicanálise implicada, concebida como “[...] uma clínica do sujeito no laço social, uma prática psicanalítica clínico-política” (ROSA, 2017, p. 367). Ao finalizar este ano, chegamos ao trigésimo volume da *Revista do CEPdePA*. A capa que escolhemos fala do desejo de um trabalho politicamente atento à necessidade de interrogação sobre os laços que a ética da psicanálise nos implica em tecer ou desconstruir.

A imagem que ilustra a capa desta publicação é uma fotografia feita no dia de lançamento do Ananse, nosso projeto de ações afirmativas. Foi significativo, em meio aos muros e às grades que demarcam os territórios de nossa convivência contemporânea, encontrar uma passagem aberta naquele 8 de julho de 2023, como uma fresta para outras possibilidades. Resgatando a importância da memória e da ancestralidade a partir da ciência da caboclaría, Simas e Rufino (2019) falam de sabedorias de frestas, sabedorias que operam nos vazios deixados pelo poder.

Nossa expectativa é de uma abertura não somente no sentido de sustentar uma psicanálise mais acessível e democrática, mas também no sentido de potencializar a renovação da produção científica psicanalítica a partir de outros olhares, de outra escuta, da interlocução com outros saberes. A *Revista do CEPdePA*, ao longo destes 30 volumes, dá testemunho de um vivo interesse pelo estudo e pela pesquisa a partir de uma interrogação constante à teoria psicanalítica. Por esse

caminho, muitos textos aqui publicados contribuíram e seguem contribuindo com inquietantes questões, em um trabalho de investigação, construção e desconstrução que parte de uma escuta crítica à própria teoria, à clínica e à cultura. Entretanto, urge reposicionar nossas questões a partir de uma percepção decolonial, capaz de levar em consideração a influência política que opera recortes em nossas concepções epistemológicas.

Na recente publicação *A ciência da psicanálise: metodologia e princípios*, Luciano Elia (2023) sustenta a concepção da psicanálise como uma ciência que tem sua especificidade metodológica. Como o autor nos lembra, o que chamamos de “ciência”

[...] é produto do mundo ocidental, nomeadamente europeu, de tradição greco-judaico-cristã, branca, eminentemente masculina (o que obviamente não impediu que muitas mulheres tenham sido eminentes cientistas), colonizadora, que recalca saberes milenares como os dos povos originários de continentes dominados pelos europeus, como África e as Américas, além de afastar-se dos modos orientais de conhecimento que a Europa não conseguiu colonizar (ELIA, 2023, p. 25).

A psicanálise é filha dessa cientificidade. Entretanto, sua ética, que não se separa de seu método e de sua técnica, sustenta, justamente, a escuta dos apagamentos, dos silenciamentos, bem como dos lugares de enunciação. Conforme Simas e Rufino (2019, p. 9),

O trauma colonial permanece nos ataques aos corpos marcados pelos traços da diferença, na edificação de um modelo de razão monológica e de um modo de linguagem que não comunica, pois tem ânsia de silenciamento. O trauma permanece na produção incessante de desigualdade que nutre os privilégios e prazeres de uma minoria.

Como sustentar uma escuta sem olhar para as questões sociopolíticas que demarcam lugares, definindo as margens e os marginalizáveis? Um olhar decolonial nos demanda um necessário giro em nossa escuta da clínica, da teoria, da cultura.

Finalmente, vale marcar que, neste ano, as discussões e debates acerca da cientificidade da psicanálise se apresentaram de forma vigorosa e consistente. Muitos psicanalistas já vinham se ocupando dessa temática, convocados pela necessidade de se posicionar contra um crescente e generalizado negacionismo científico. O surgimento de mais um ataque público à psicanálise, esse advindo não de negacionistas, mas de cientistas reconhecidos, acabou mobilizando a comunidade psicanalítica a retomar essa discussão. Levados ao campo epistemológico, esses debates revelam a falta de crítica em considerar hegemônica uma forma específica de cientificidade. Elia (2023) chama a atenção para o declínio de uma epistemologia crítica, atrelado à submissão da ciência ao capitalismo.

A psicanálise sempre foi contra-hegemônica, mas Freud infectou o mundo com sua peste. Sustentar uma revista científica de psicanálise, para além do interesse científico, é um ato político de resistência. Apresentamos, assim, nossa *Revista do CEPdePA* do ano de 2023 com o desejo de seguir contribuindo com a produção do saber psicanalítico por meio de inquietações e giros que nos lancem muitas questões de estudo.

REFERÊNCIAS

ELIA, L. **A ciência da psicanálise**: metodologia e princípios. São Paulo: Edições 70, 2023.

ROSA, M. D.; ESTÊVÃO, I. R.; BRAGA, A. P. M. Clínica psicanalítica implicada: conexões com a cultura, a sociedade e a política. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 22, n. 3, p. 359-369, 2017.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Flecha no tempo**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019. *E-book*.